

Nota Técnica

CHINA: IMPORTAÇÃO DOS PRINCIPAIS SUBSETORES DO AGRONEGÓCIO E O *MARKET SHARE* BRASILEIRO

Scarlett Queen Almeida Bispo

Nº 26

Dinte

Diretoria de Estudos e Relações Econômicas
e Políticas Internacionais

Janeiro de 2021



Nota Técnica

CHINA: IMPORTAÇÃO DOS PRINCIPAIS SUBSETORES DO AGRONEGÓCIO E O *MARKET SHARE* BRASILEIRO

Scarlett Queen Almeida Bispo

Nº 26

Dinte

Diretoria de Estudos e Relações Econômicas
e Políticas Internacionais

ipea

Governo Federal

Ministério da Economia

Ministro Paulo Guedes

ipea Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada

Fundação pública vinculada ao Ministério da Economia, o Ipea fornece suporte técnico e institucional às ações governamentais – possibilitando a formulação de inúmeras políticas públicas e programas de desenvolvimento brasileiros – e disponibiliza, para a sociedade, pesquisas e estudos realizados por seus técnicos.

Presidente

Carlos von Doellinger

Diretor de Desenvolvimento Institucional

Manoel Rodrigues Junior

Diretora de Estudos e Políticas do Estado, das Instituições e da Democracia

Flávia de Holanda Schmidt

Diretor de Estudos e Políticas Macroeconômicas

José Ronaldo de Castro Souza Júnior

Diretor de Estudos e Políticas Regionais, Urbanas e Ambientais

Nilo Luiz Saccaro Júnior

Diretor de Estudos e Políticas Setoriais de Inovação e Infraestrutura

André Tortato Rauen

Diretora de Estudos e Políticas Sociais

Lenita Maria Turchi

Diretor de Estudos e Relações Econômicas e Políticas Internacionais

Ivan Tiago Machado Oliveira

Assessor-chefe de Imprensa e Comunicação (substituto)

João Cláudio Garcia Rodrigues Lima

Ouvidoria: <http://www.ipea.gov.br/ouvidoria>

URL: <http://www.ipea.gov.br>

Nota Técnica

CHINA: IMPORTAÇÃO DOS PRINCIPAIS SUBSETORES DO AGRONEGÓCIO E O *MARKET SHARE* BRASILEIRO

Scarlett Queen Almeida Bispo

Nº 26

Dinte

Diretoria de Estudos e Relações Econômicas
e Políticas Internacionais

Janeiro de 2021

ipea

EQUIPE TÉCNICA

Scarlett Queen Almeida Bispo

Pesquisadora do Programa de Pesquisa para o Desenvolvimento Nacional (PNPD) na Diretoria de Estudos e Relações Econômicas e Políticas Internacionais (Dinte) do Ipea; e economista pela Universidade Federal da Bahia (UFBA).

DOI: <http://dx.doi.org/10.38116/ntdinte26>

As publicações do Ipea estão disponíveis para *download* gratuito nos formatos PDF (todas) e EPUB (livros e periódicos). Acesse: <http://www.ipea.gov.br/portal/publicacoes>

As opiniões emitidas nesta publicação são de exclusiva e inteira responsabilidade dos autores, não exprimindo, necessariamente, o ponto de vista do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada ou do Ministério da Economia.

É permitida a reprodução deste texto e dos dados nele contidos, desde que citada a fonte.
Reproduções para fins comerciais são proibidas.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	7
2 BREVE TRAJETÓRIA DO MERCADO CONSUMIDOR CHINÊS.....	7
3 MARKET SHARE DE VALOR NAS IMPORTAÇÕES DA CHINA.....	9
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	23
REFERÊNCIAS.....	24

Esta *Nota Técnica* visa investigar a posição do *market share* brasileiro ante a dos seus principais concorrentes nas importações da China dos subsetores¹ mais relevantes do agronegócio, visto que produtos agropecuários passaram a ter expressão na relação comercial sino-brasileira. O estudo tem como base o Banco de Dados das Estatísticas do Comércio Internacional das Nações Unidas (United Nations International Trade Statistics Database – Comtrade), a Administração Geral das Alfândegas da República Popular da China (General Administration of Customs People’s Republic of China – GACC), o Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (United States Department of Agriculture – USDA) e o Mapa (Agrostat – Estatísticas de Comércio Exterior do Agronegócio Brasileiro).

Trata-se de uma análise de dados com abordagem quantitativa, que descreve o *market share* dos principais países que compõem as importações advindas da China. Para isso, utilizaram-se como recorte dez subsetores do agronegócio selecionados a partir da coleta de dados secundários referentes às importações chinesas e às exportações brasileiras para a China, elencando-os com o apoio do critério de maior valor. Desse modo, foram selecionados os seguintes subsetores: soja em grãos, celulose, açúcar de cana ou beterraba, carne bovina, carne de frango, couros e peles de bovinos ou equídeos, óleo de soja, algodão e produtos têxteis de algodão, fumo não manufaturado e desperdícios de fumo e carne suína.

Isso posto, propõe-se uma análise em torno da participação dos principais países nas importações chinesas, destacando o desempenho do Brasil e relacionando-o com a oferta e demanda doméstica da China no período, assim como, quando necessário, a incorporação de fatores político-econômicos recentes que de alguma forma influenciaram ou contribuíram para o entendimento das variações nas participações dos respectivos países, de modo que seja possível a compreensão real dos números apresentados.

Este artigo, portanto, contará com duas seções, além desta introdução e das considerações finais. A primeira contextualiza como a formação do mercado consumidor chinês e o modo como ele evoluiu colocaram o Brasil em posição estratégica de fornecimento para a China, em razão da sua pauta exportadora essencialmente agropecuária. E a segunda descreve dados referentes ao *market share* dos países predominantes nas importações chinesas dos dez subsetores examinados, buscando abarcar questões que colaborem para a compreensão dos dados apontados. Para isso, será dividida em dez subseções, nas quais estará disposto cada um dos subsetores por ordem decrescente de valor exportado pelo Brasil para a China nos últimos dez anos.

2 BREVE TRAJETÓRIA DO MERCADO CONSUMIDOR CHINÊS

A forte presença do agronegócio nas exportações brasileiras pode ser justificada pela competitividade do setor. A China tornou-se nosso principal parceiro comercial pela imprescindibilidade de suprir uma das maiores necessidades consideradas vitais para o seu desenvolvimento – alimentar a sua população. Apesar de o país asiático possuir um extenso território, sua área cultivável é limitada, podendo instaurar sua produção essencialmente nas planícies, uma vez que as regiões montanhosas ou de climas mais severos impossibilitam ou dificultam a produção. Esse problema se intensifica quando se leva em consideração a sua elevada população, tornando inevitável a necessidade de incorporação de tecnologias para elevar a produtividade e a importação de produtos agrícolas.

Historicamente, a China lidou com diversos problemas crônicos de fome, pelo menos uma ocorrência por ano foi registrada até o fim do Império em 1911. Posteriormente, durante a República (1941-1949), a fome perseverou devido à guerra e a invasões, assim como na Fase Revolucionária, em virtude de decisões inadequadas de política agrícola e econômica, como o Grande Salto para Frente (1958-1962) e sua coletivização, intensificadas, obviamente, pelas suas limitações de ordem natural. A situação começou a tomar um rumo diferente a partir de 1978 com a posse de Deng Xiaoping, e algumas reformas na economia foram realizadas, como o fim da coletivização e o rompimento de um socialismo generalizado, possibilitando uma remuneração aos produtores rurais pela elevação da produtividade com a venda dos seus excedentes, o que intensificou a oferta de alimentos nos mercados locais (Belik, 2019, p.37-42).

Segundo Belik (2019), pode-se destacar também o período de 1978 a 1990 com a busca da industrialização e autossuficiência de determinadas localidades, mediante a inserção de empresas públicas de propriedade, acarretando a concentração de investimentos de capital, instalação de indústrias e geração de empregos. Com isso, houve um rápido crescimento do padrão de vida da população chinesa, bem como uma necessidade de desafogar as vilas rurais. Com a possibilidade de emigração dos trabalhadores para os arredores das indústrias, essas localidades evoluíram para metrópoles em menos de uma década (Belik, 2019, p. 42).

1. São grupos de produtos agrupados em segundo nível, de acordo com a Tabela de Agrupamentos do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa). Disponível em: <<http://indicadores.agricultura.gov.br/agrostat/index.htm>>.

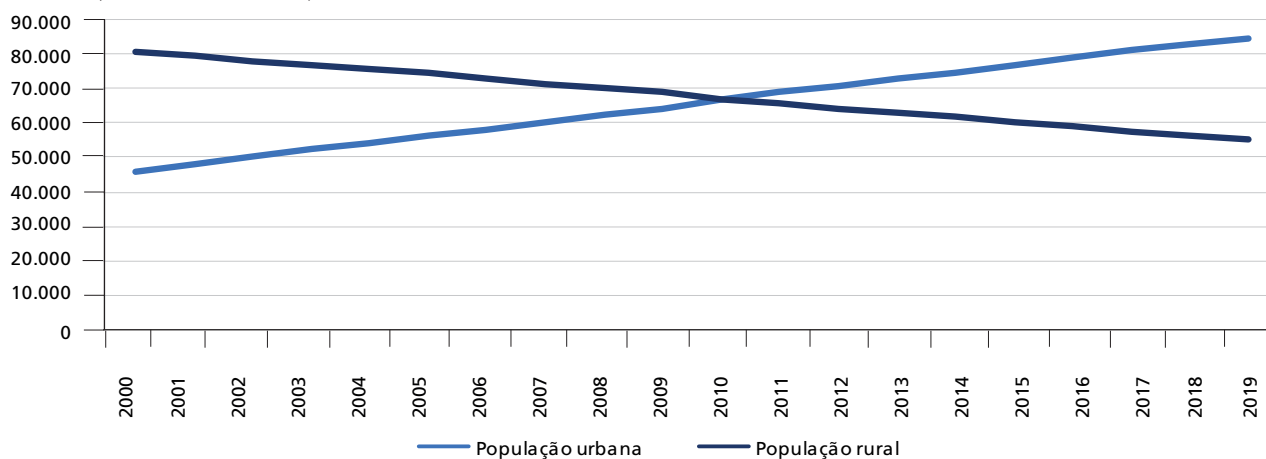
A partir de então o meio rural precisava suprir as demandas alimentares da zona urbana, que passaram a formar o mercado consumidor chinês, no qual o incremento na renda acarretou um maior consumo de alimentos. Com todas as limitações de ordem natural já enfrentadas pela China, a progressiva demanda por alimentos, com destaque para carne, que se tornou um símbolo de *status quo*, pressionou a produção de grãos para a alimentação animal, que, por sua vez, não poderia ser prioridade diante da alimentação humana direta. Em 2001, a China integrou oficialmente a Organização Mundial do Comércio (OMC) e reduziu impostos para importação de grãos para alimentação animal, como soja e milho. É importante salientar que, desde a “crise da soja” em 2004, a produção de carne suína se concentrou nas mãos de grandes empresas, e as produções ganharam escala, bem como as importações de insumos e *commodities* agropecuárias.

Atualmente, a China é um destino essencial das exportações brasileiras de produtos agropecuários, isso porque a sua demanda é puxada pela ascensão do seu mercado consumidor, que, nos últimos anos, vem demonstrando uma tendência de esvaziamento do campo em direção à cidade. Em 2000, por exemplo, a população rural chinesa correspondia a 63,8% da população, no entanto, na década seguinte aconteceu a interseção entre a quantidade da população rural e urbana, ficando praticamente idêntica. Desde então, com esse movimento ascendente, a população urbana chegou a corresponder a 60,6% em 2019.

GRÁFICO 1

Quantidade da população urbana e rural da China

(Em 10 mil habitantes)



Fonte: Escritório Nacional de Estatísticas da China, 2019.

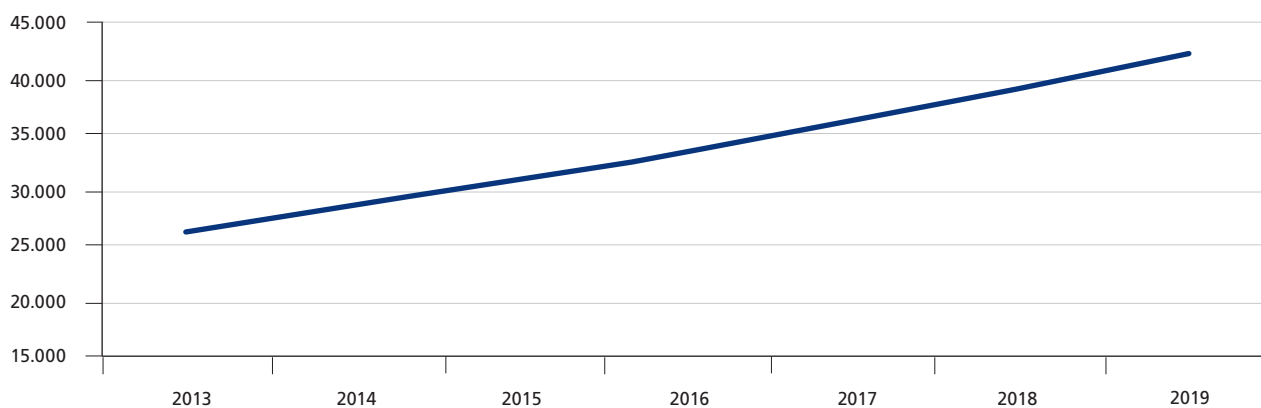
Elaboração da autora.

Essa migração do campo para a cidade pode ser explicada tanto pelo fato de o campo não demandar quantidades suficientes para absorver a mão de obra excedente quanto pelas zonas urbanas se tornarem mais atraentes em oferta de trabalho e infraestrutura. Em paralelo, houve um aumento da renda disponível *per capita* das famílias urbanas, o que acarretou uma elevação no consumo dessa população.

GRÁFICO 2

Renda disponível *per capita* de famílias urbanas da China

(Em yuan)



Fonte: Escritório Nacional de Estatísticas da China, 2019.

Elaboração da autora.

Durante o período analisado, houve uma tendência praticamente linear, com um acréscimo na renda disponível *per capita* das famílias urbanas de 60%. Com isso, a concentração nas cidades, aliada à elevação da renda disponível *per capita* familiar urbana, pode contribuir para a compreensão da demanda do mercado consumidor chinês como sendo uma fração crescente, tanto no consumo de alimentos quanto de bens básicos, aos quais os subsetores do agronegócio brasileiro a serem investigados são diretamente interligados.

3 MARKET SHARE DE VALOR NAS IMPORTAÇÕES DA CHINA

O *market share* é um importante instrumento para avaliar a posição de determinado sujeito em um mercado. Neste caso, calculou-se a participação do Brasil e dos seus demais concorrentes nas importações chinesas de dez subsetores de grande relevância na pauta exportadora brasileira, com o intuito de identificar seu desempenho e fragilidades, tendo a cautela de relacionar os resultados com o mercado doméstico da China, e assim verificar a solidez dos dados apresentados.

3.1 Soja em grãos

Soja em grãos² é o principal subsetor do agronegócio, e há muitos anos o Brasil vem sendo o principal fornecedor de soja em grãos do país asiático. Segundo os dados da GACC, só em 2018 o país importou cerca de US\$ 28,8 bilhões da soja brasileira. Entre os demais países, destacam-se Estados Unidos, Argentina, Uruguai e Canadá. A participação brasileira nas importações chinesas do subsetor no período analisado teve a sua menor parcela em 2016, quando o seu *market share* correspondeu a 45,8%, como pode ser visto na tabela 1.

TABELA 1

Market share de valor dos principais países nas importações chinesas de soja em grãos
(Em %)

Países	2014	2015	2016	2017	2018	2019	2020 ¹
Brasil	46,5	48,5	45,8	52,8	75,8	65,1	53,8
Estados Unidos	40,6	35,7	40,5	35,2	18,5	18,9	34,7
Argentina	8,4	11,3	9,5	6,8	1,6	10,1	9,0
Canadá	1,1	1,3	1,8	2,2	2,0	2,9	0,1
Uruguai	3,4	2,8	2,0	2,6	1,4	2,3	1,2

Fonte: Comtrade, 2018; e GACC, 2020.

Elaboração da autora.

Nota: ¹ Os dados referentes a 2020 correspondem ao período de janeiro a abril, o qual é o intervalo disposto na base de dados da GACC. Portanto, esses dados são afetados pela sazonalidade do curto período. Disponível em: <<http://www.customs.gov.cn/>>.

Em 2018, o *market share* do Brasil foi superior a 75%, alavancado tanto pela elevação da produtividade³ quanto pela guerra comercial entre China e Estados Unidos, seu principal concorrente nas importações chinesas do subsetor. Entretanto, em 2019 houve uma queda da sua participação em 10,7%, devido, entre outras razões, a uma queda da produtividade, em decorrência de fatores climáticos, e à trégua de noventa dias da guerra comercial que aconteceu em dezembro de 2018.

Da mesma forma, a China é o principal destino das exportações brasileiras, com uma participação sempre superior a 70%. Em 2018, como já mencionado, as trocas do subsetor foram mais intensas, e o Brasil chegou a exportar para a China 82% da sua soja.

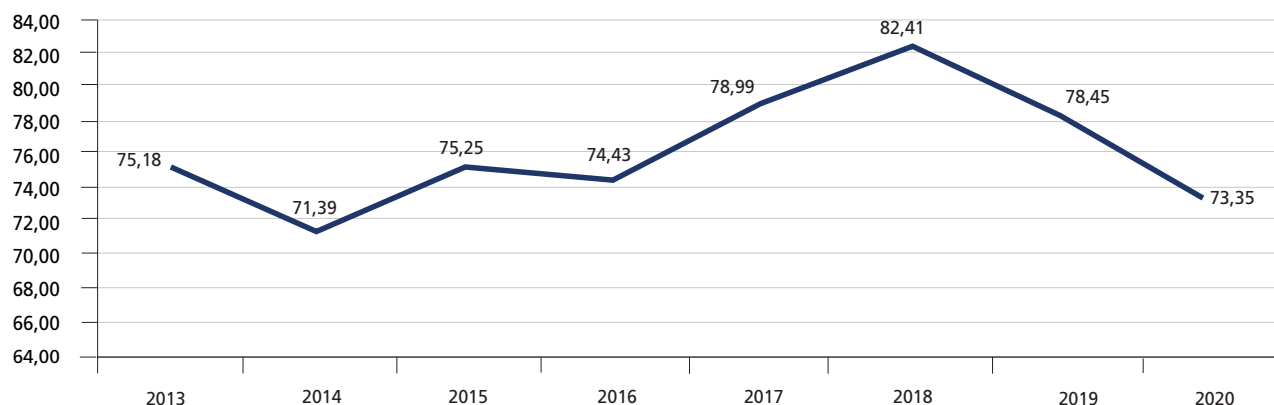
2. Produtos de acordo com a Nomenclatura Comum do Mercosul (NCM): 12010090; 12019000.

3. Segundo a Companhia Nacional de Abastecimento (Conab), a produtividade da soja em 2018 foi de 3.393 kg/ha. Disponível em: <<https://portaldeinformacoes.conab.gov.br/safra-serie-historica-dashboard>>.

GRÁFICO 3

Participação da China nas exportações brasileiras de soja em grãos

(Em %)



Fonte: Agrostat, 2020.

Este ano as exportações para a China continuaram elevadas, mesmo com o início da primeira fase do Acordo Comercial entre China e Estados Unidos.⁴ Logo, apesar de atrasos na colheita em consequência de fortes chuvas e a diminuição da demanda pós-feriado de primavera, a alta do dólar em relação ao real proporcionou ao Brasil competitividade com um recorde para o primeiro bimestre, dando um salto de 28,5% nas exportações.

No entanto, tratando-se dos seus concorrentes, a participação dos Estados Unidos nas importações chinesas foi diretamente afetada em 2018 e 2019 pela guerra comercial com a China, por efeito da taxa de *commodities* agrícolas, inclusive da soja. Em 2020, já vigorando a fase 1 do acordo, e com o atraso nos embarques vindos do Brasil, a sua participação teve uma elevação de quase 16%. Não obstante, a busca da China por alternativas em consequência da guerra comercial abriu espaço para a Argentina em 2019, que aumentou consideravelmente o seu *market share*, dado que em 2018 suas produções de soja foram afetadas pela seca. Entretanto, no final de 2019, a Presidência da Argentina decretou a elevação de impostos sobre as exportações de produtos agropecuários, resultando na limitação da exportação de grãos.

É importante ressaltar que essa elevada demanda chinesa pela soja em grãos não é destinada diretamente ao consumo humano, mas em sua maioria para o consumo animal, isso porque o país é o maior consumidor e está entre os maiores produtores de carne suína do mundo, que ocupa um papel crucial na cesta de consumo das famílias. Contudo, a produção chinesa da oleaginosa não supre o consumo doméstico, sendo necessárias as importações, como pode ser visto na tabela 2.

TABELA 2

Oferta e demanda de soja em grãos na China

(Em 1 mil toneladas métricas)

Atributo	2013/2014	2014/2015	2015/2016	2016/2017	2017/2018	2018/2019	2019/2020	2020/2021
Estoques iniciais	12,411	13,967	17,06	16,643	20,12	23,064	19,455	26,235
Consumo doméstico	81	87,8	95,9	103,5	106,3	102	105,2	111,9
Produção	12,407	12,686	12,367	13,596	15,283	15,967	18,1	17,5
Exportação	0,215	0,143	0,114	0,114	0,134	0,116	0,12	0,1
Importação	70,364	78,35	83,23	93,495	94,095	82,54	94	96
Estoques finais	13,967	17,06	16,643	20,12	23,064	19,455	26,235	27,735

Fonte: USDA, 2020.
Elaboração da autora.

A oferta chinesa⁵ de soja em grãos não chega a 40% do seu consumo doméstico em nenhum ano do período estudado. Somente a sua produção não chega a 18% da quantidade consumida do grão no país, principalmente

4. United States Representative (USTR). Disponível em: <https://ustr.gov/sites/default/files/agreements/phase%20one%20agreement/Economic_And_Trade_Agreement_Between_The_United_States_And_China_Text.pdf>.

5. Compreende os estoques iniciais somados à produção e subtraindo as exportações.

quando se leva em consideração o aumento no consumo nos últimos três anos, mesmo com o aparecimento da peste suína africana (PSA). Em outras palavras, a elevação da produção não acompanha o consumo doméstico, o que pode indicar que as importações chinesas representam uma fração crescente da demanda. Entretanto, nota-se que há estoques superiores à sua produção em todos os anos, ou seja, a China importa mais grãos que o necessário e os seus estoques finais chegaram a corresponder, aproximadamente, a 25% em 2019.

3.2 Celulose

A celulose⁶ é o segundo subsetor mais importante do agronegócio brasileiro em termos monetários exportado para a China; somada a borracha natural e gomas naturais, madeira e papel compõem o setor de produtos florestais. Desde 2016 o Brasil possui o maior *market share* nas importações chinesas, mesmo que as participações sejam bem competitivas. É possível verificar na tabela 3 que Canadá, Indonésia, Estados Unidos, Chile, Finlândia e Rússia também possuem papel relevante.

TABELA 3

Market share de valor dos principais países nas importações chinesas de celulose
(Em %)

Países	2014	2015	2016	2017	2018	2019	2020
Brasil	17,9	19,2	21,2	21,8	25,7	23,2	23,4
Indonésia	10,3	10,7	9,7	13,5	11,7	16,2	12,9
Canadá	21,9	21,3	19,5	17,7	17,1	13,3	16,2
Finlândia	5,8	5,1	6,0	5,6	6,2	9,2	6,7
Estados Unidos	11,8	12,0	12,6	10,8	9,1	8,7	8,7
Chile	9,6	9,4	9,7	9,2	10,3	7,0	8,2
Rússia	6,5	6,5	6,4	5,7	5,7	5,1	5,0

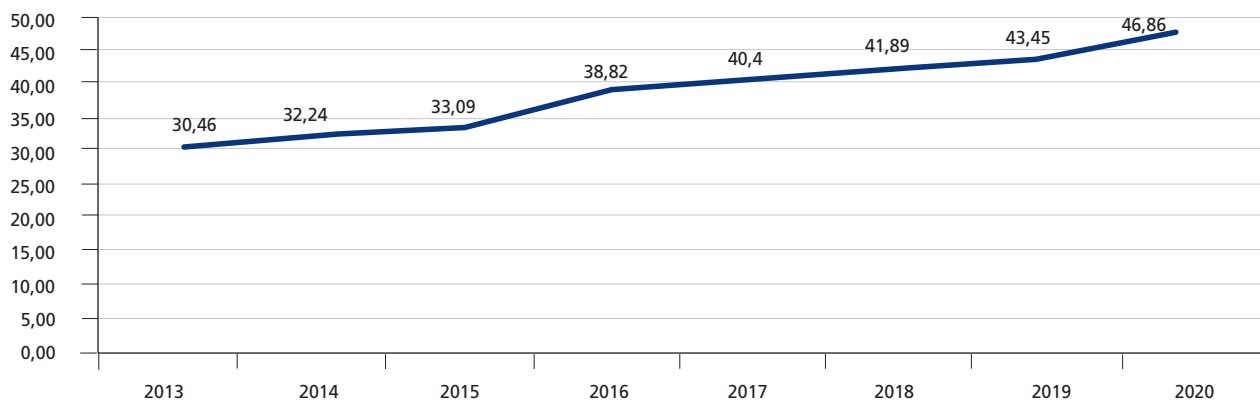
Fonte: Comtrade, 2018; e GACC, 2020.
Elaboração da autora.

De acordo com Santi (2015), graças a transformações no modelo de desenvolvimento econômico da China – incluindo normas ambientais severas, com muitas fábricas de papel que não se adequaram sendo fechadas – aliado a medidas governamentais para incentivar o consumo doméstico de papel e suas aplicações, elevou-se a necessidade de importações de celulose. Com isso, a elevada produtividade e a qualidade da celulose brasileira resultaram em sua preferência até hoje, em razão da manutenção das suas vantagens competitivas, em especial o custo de produção e o tempo de maturação, desbancando os seus principais concorrentes, como o Canadá.

Como esperado, a China é o principal destino das exportações brasileiras, convergindo para o *market share* brasileiro.

GRÁFICO 4

Participação da China nas exportações brasileiras de celulose
(Em %)



Fonte: Agrostat, 2020.
Elaboração da autora.

6. Produtos de acordo com a NCM: 47010000; 47020000; 47031100; 47031900; 47032100; 47032900; 47041100; 47041900; 47042100; 47042900; 47050000; 47061000; 47062000; 47063000; 47069100; 47069200; 47069300; 48030010.

Durante todo o período analisado, a participação da China nas exportações brasileiras apresentou um movimento crescente, com sua menor participação superior a 30%, chegando a quase 50% em 2020. Essa demanda chinesa por celulose é ascendente, e a sua produção fica em torno de 45% a 55% da quantidade total importada.

TABELA 4
Oferta e demanda de celulose da China
(Em t)

Atributo	2014	2015	2016	2017	2018
Produção	17.413.402	17.493.402	18.273.402	18.963.402	21.109.402
Importação	31.334.768	34.556.693	37.158.242	42.000.050	43.200.450
Exportação	94.199,45	170.970	327.443	442.279	331.980

Fonte: Food and Agriculture Organization Corporate Statistical Database (FAOSTAT), 2018.
Elaboração da autora.

A China é a maior produtora de papel do mundo, e para manter a escala da sua produção necessita importar a matéria-prima, por isso o país asiático é um excelente mercado para o Brasil exportar os produtos desse subsetor, e a sua importação também pode ser caracterizada como uma fração crescente da demanda.

3.3 Açúcar de cana ou beterraba

Açúcar de cana ou beterraba⁷ é o terceiro subsetor da cadeia mais importante em termos de valor que o Brasil exporta para a China. Entre os principais países que exportam esse subsetor, o papel brasileiro é crucial, obtendo maior *market share* em todo o período analisado, com exceção de 2020.

TABELA 5
Market share de valor dos principais países nas importações chinesas de açúcar de cana ou beterraba
(Em %)

Países	2014	2015	2016	2017	2018	2019	2020
Brasil	57,7	53,2	60,2	34,3	21,6	39,0	23,6
Tailândia	14,1	13,2	7,6	13,4	10,6	21,4	8,8
Cuba	14,1	12,0	15,0	19,5	14,9	14,1	35,7
Coreia do Sul	7,5	5,4	8,8	9,4	8,5	6,8	8,0
Austrália	4,6	6,8	6,0	6,4	5,2	5,1	0,1
El Salvador	0,0	2,0	0,0	4,0	7,7	3,3	19,1

Fonte: Comtrade, 2018; e GACC, 2020.
Elaboração da autora.

O Brasil possui custo de produção quase 50% inferior ao dos países asiáticos e um considerável domínio tecnológico, tendo como principal concorrente a Tailândia, no que diz respeito ao mercado chinês. Mas os países cujo *market share* chamou a atenção nos últimos anos são Cuba e El Salvador.

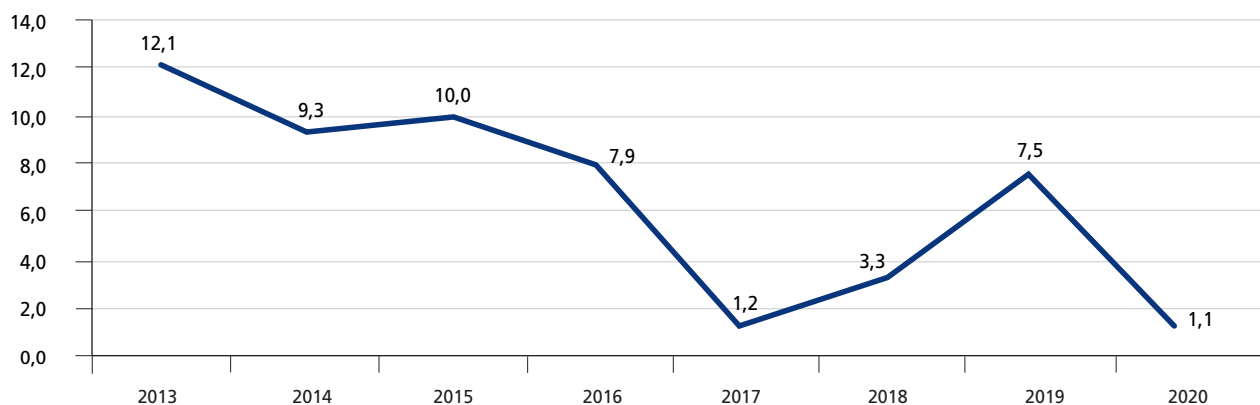
Cuba tem tido como sócio comercial mais importante a China, desde 2017, principalmente no que diz respeito à importação de mercadorias, entre elas o açúcar. Já El Salvador, desde 2019, buscou estreitar as alianças diplomáticas com a China, consolidando uma relação essencial de importação e exportação, e o açúcar, por sua vez, segundo dados do BCR (2020), corresponde a cerca de 94,6% das exportações para a China.

A participação do Brasil nas importações chinesas variou de 21,6% em 2018 a 60,2% em 2016. Mas, apesar desse *market share* elevado, a participação da China nas exportações brasileiras nos sete anos anteriores não ultrapassou 12%.

GRÁFICO 5

Participação da China nas exportações brasileiras de açúcar de cana ou beterraba

(Em %)



Fonte: Agrostat, 2020.

Elaboração da autora.

Ao contrário dos subsetores anteriores, a China não é o principal destino das exportações de açúcar de cana ou beterraba; há países como Argélia, Bangladesh, Índia e Arábia Saudita que possuem participações similares às da China. Isso porque a produção chinesa de açúcar é bem relevante se comparada ao consumo doméstico; por isso, o máximo que a China importou durante o período analisado foi em 2015, correspondendo a 38,7% do consumo chinês.

TABELA 6

Oferta e demanda de açúcar na China

(Em 1 mil toneladas métricas)

Atributo	2012/2013	2013/2014	2014/2015	2015/2016	2016/2017	2017/2018	2018/2019	2019/2020
Estoques iniciais	4,14	6,793	9,977	10,39	9,591	7,811	6,567	5,427
Consumo doméstico	15,1	15,3	15,6	15,8	15,6	15,7	15,8	15,2
Produção	14,001	14,263	11	9,05	9,3	10,3	10,76	10,2
Exportação	0,05	0,054	0,045	0,165	0,08	0,194	0,2	0,18
Importação	3,802	4,275	5,058	6,116	4,6	4,35	4,1	4,1
Estoques finais	6,793	9,977	10,39	9,591	7,811	6,567	5,427	4,347

Fonte: USDA, 2020.

Elaboração da autora.

Assim como soja em grãos, a China acumula estoques de açúcar, importando mais do que o necessário para suprir o consumo doméstico, e os estoques finais chegam a corresponder até a 66,6% do consumo interno, como no caso de 2014.

3.4 Carne bovina

Carne bovina⁸ é o quarto subsetor do agronegócio mais relevante exportado para a China, utilizando-se como critério o valor. Segundo os dados do Agrostata de 2020, os últimos dez anos de exportação desse subsetor corresponderam a 46,9% das exportações do setor de carnes para a China. Desde 2016 o Brasil possui o maior *market share* nas importações chinesas de carne bovina.

8. Produtos de acordo com a NCM: 2011000; 2012010; 2012020; 2012090; 2013000; 2021000; 2022010; 2022020; 2022090; 2023000; 16025000; 2061000; 2062100; 2062200; 2062910; 2062990; 2102000; 5040011.

TABELA 7

Market share de valor dos principais países nas importações chinesas de carne bovina

(Em %)

Países	2014	2015	2016	2017	2018	2019	2020
Brasil	0,0	12,0	29,6	27,8	31,0	25,1	36,7
Argentina	6,2	8,6	8,8	11,8	16,0	21,4	21,0
Austrália	48,7	33,9	22,4	21,4	20,7	21,4	18,6
Uruguai	25,6	22,3	21,8	21,9	16,4	13,8	9,2
Nova Zelândia	14,5	15,3	13,1	12,6	11,1	13,0	9,1
Canadá	4,4	7,3	3,5	2,5	1,4	1,0	0,5

Fonte: Comtrade, 2018; e GACC, 2020.

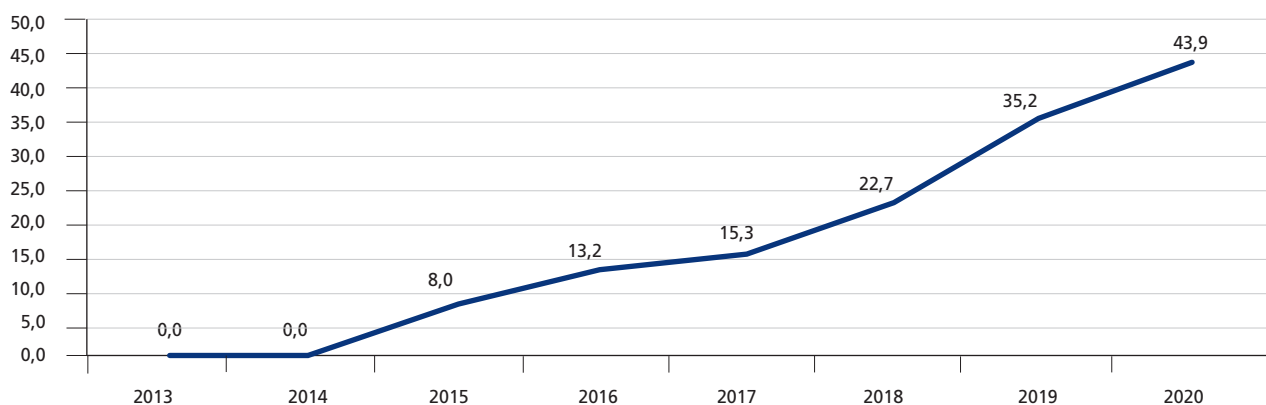
Elaboração da autora.

Em 2015, o Brasil passou a ocupar espaço nas importações da China dessa carne e desde então teve pequenas reduções em seu *market share* que se recuperaram logo em seguida. Em paralelo, a participação da China nas exportações brasileiras começou a aumentar nesse mesmo período, e nos últimos anos se tornou o principal destino das exportações de carne bovina.

GRÁFICO 6

Participação da China nas exportações brasileiras de carne bovina

(Em %)



Fonte: Agrostat, 2020.

Elaboração da autora.

Deve-se considerar que foi a partir de 2013 que o consumo de carne bovina foi superior à produção doméstica chinesa e, em 2018, esse consumo foi menor apenas que o dos Estados Unidos. Posteriormente com a PSA, o consumo dessa carne continuou elevado e, conforme Brasil (2019), mais plantas frigoríficas de carnes foram habilitadas a fim de exportar para a China, elevando assim o volume de exportações destinado ao país nos últimos dois anos.

É percebido que desde 2019 a Argentina aumentou de maneira considerável o seu *market share*, isso porque nos anos anteriores houve uma redução das exportações da carne bovina graças a políticas de “garantia” ao consumo doméstico. Após esse período o enfoque foi na recuperação do volume das exportações, das quais, atualmente, a participação da China nas exportações de carne bovina chega a 70%, o que contribui para o entendimento da elevação do *market share* da Argentina nos últimos anos.

Pela ótica do país asiático, para o mercado consumidor chinês, esse produto foi ganhando preferência ao longo do tempo, tanto pela necessidade de alternativas à carne suína, em virtude de questões sanitárias, quanto pelo incentivo das grandes empresas internacionais produtoras dessa carne. A sua produção doméstica é quase suficiente para suprir o consumo chinês durante o período examinado, tendo sua participação acima de 80% até 2018, reduzindo 10% nos dois últimos anos, devido ao aumento do consumo impactado pela PSA.

TABELA 8

Oferta e demanda de carne bovina na China

(Em 1 mil toneladas métricas/peso da carcaça equivalente)

Atributo	2013	2014	2015	2016	2017	2018	2019	2020
Estoques iniciais	0	0	0	0	0,03	0,02	0	0
Consumo doméstico	6,473	6,491	6,754	6,873	7,236	7,808	8,826	9,429
Produção	6,131	6,157	6,169	6,169	6,346	6,44	6,67	6,95
Exportação	0,036	0,036	0,028	0,027	0,022	0,021	0,021	0,021
Importação	0,378	0,37	0,613	0,761	0,902	1,369	2,177	2,5
Estoques finais	0	0	0	0,03	0,02	0	0	0

Fonte: USDA, 2020.
Elaboração da autora.

A participação das importações no consumo doméstico de carne bovina não chegou a 20% até 2018, tendo um incremento nos dois últimos anos puxado pelo aumento do consumo, que, mesmo levando em consideração a PSA, já apresentava uma tendência de aumento. Diferentemente de outros produtos supracitados, não houve estoques finais, com exceção de 2016 e 2017.

3.5 Carne de frango

O subsetor carne de frango⁹ é o quinto maior do agronegócio em termos monetários exportado para o país asiático. Segundo dados do Agrostat de 2020, esse subsetor corresponde a 43,1% das exportações do setor de carnes para a China nos últimos dez anos. Mesmo que em termos de valor as exportações desse subsetor não superem as da carne bovina, o seu *market share* chegou a 85,2% das importações chinesas.

TABELA 9

Market share de valor dos principais países nas importações chinesas de carne de frango

(Em %)

Países	2014	2015	2016	2017	2018	2019	2020
Brasil	66,9	77,7	85,0	85,2	82,0	67,1	60,2
Tailândia	0,0	0,0	0,0	0,0	4,6	10,8	11,3
Argentina	7,3	10,0	8,8	11,0	9,2	10,2	7,9
Chile	3,2	5,8	3,9	3,4	4,0	4,1	2,8
Estados Unidos	20,4	2,9	0,0	0,0	0,0	0,0	5,3

Fonte: Comtrade, 2018; e GACC, 2020.
Elaboração da autora.

Durante todo o período investigado, a participação do Brasil foi majoritária, sempre superior a 60%, o que pode estar relacionado com o fato de o Brasil ser o maior exportador de carne de frango do mundo. O destaque no *market share* em 2016 aconteceu consoante o aumento da participação da China nas exportações brasileiras, como pode ser visto no gráfico 7.

Com exceção do pico no referido ano, a participação da China manteve uma tendência ascendente. A partir de 2019, mesmo com a destinação de um volume maior de exportações para a China do que para outros países, a queda do *market share* pode ser justificada pela demanda muito elevada, por conta da PSA, dando espaço a outros países. Com isso, vale salientar a presença da Tailândia, que não exportava aves para a China desde a gripe aviária e a partir de 2018 retomou a exportação.

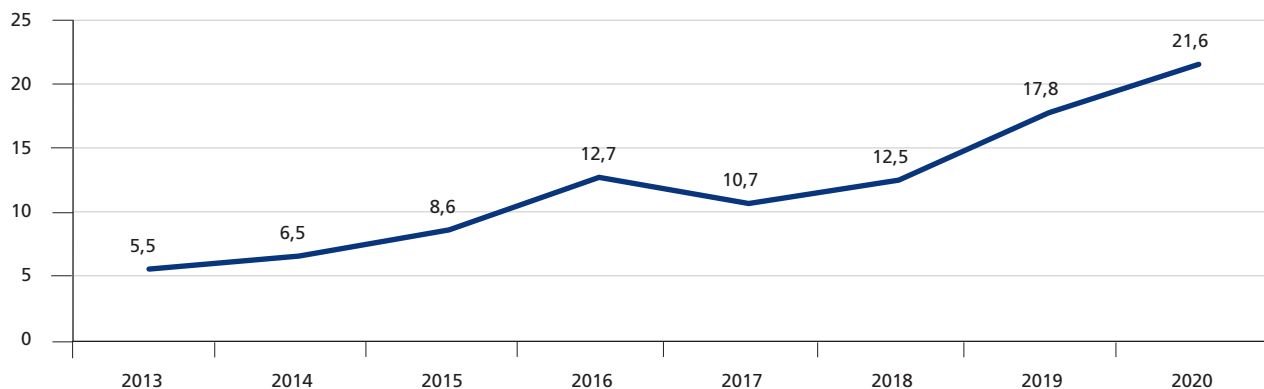
Na China, todavia, a produção de carne de frango superou o consumo doméstico em cinco dos oito anos verificados, entretanto, subtraindo-se as exportações, sua oferta não ultrapassa 98,2%, abastecendo o mercado consumidor chinês com importações.

9. Produtos de acordo com a NCM: 2071100; 2071200; 2071300; 2071400; 2109911; 2109919; 2109900; 16023200; 16023210; 16023220; 16023230; 16023290.

GRÁFICO 7

Participação da China nas exportações brasileiras de carne de frango

(Em %)



Fonte: Agrostat, 2020.

Elaboração da autora.

TABELA 10

Oferta e demanda de carne de frango na China

(Em 1 mil toneladas métricas)

Atributo	2013	2014	2015	2016	2017	2018	2019	2020
Estoques iniciais	0	0	0	0	0	0	0	0
Consumo doméstico	13,334	12,986	13,428	12,492	11,475	11,595	13,902	15,85
Produção	13,51	13,156	13,561	12,448	11,6	11,7	13,75	15,5
Exportação	0,42	0,43	0,401	0,386	0,436	0,447	0,428	0,375
Importação	0,244	0,26	0,268	0,43	0,311	0,342	0,58	0,725
Estoques finais	0	0	0	0	0	0	0	0

Fonte: USDA, 2020.

Elaboração da autora.

As importações de carne de frango tiveram maior participação no consumo doméstico nos dois últimos anos, ficando superior a 4%, que só foi alcançada pela elevação do consumo decorrente da PSA. Dessa forma, não há estoques finais desse produto em nenhum dos anos.

3.6 Couros e peles de bovinos ou equídeos

O próximo subsetor mais relevante é couros e peles de bovinos ou equídeos,¹⁰ que corresponde a 99,3% das exportações para a China nos últimos dez anos do setor de couro, produtos de couro e peleteria. O *market share* brasileiro nas importações chinesas é o segundo mais relevante, ficando atrás apenas dos Estados Unidos, com exceção do último ano.

TABELA 11

Market share de valor dos principais países nas importações chinesas de couros e peles de bovinos ou equídeos

(Em %)

Países	2014	2015	2016	2017	2018	2019	2020
Estados Unidos	24,9	24,5	23,8	24,7	21,7	20,3	13,3
Itália	8,4	8,3	9,4	9,9	10,8	12,2	17,4
Brasil	13,3	12,6	13,8	13,0	13,1	10,2	20,8
Austrália	8,5	8,0	6,8	6,8	6,2	6,0	2,9
Coreia do Sul	6,5	6,5	5,9	5,2	5,0	5,2	6,1

Fonte: Comtrade, 2018; e GACC, 2020.

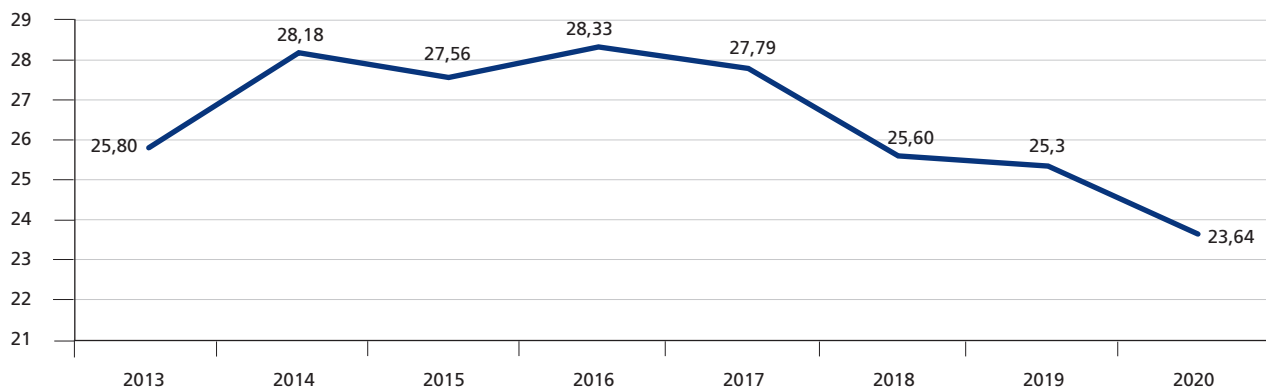
Elaboração da autora.

A participação brasileira entre 2014 e 2020 sempre esteve entre 10% e 13% das importações chinesas, com exceção de 2020, em que o Brasil obteve o maior *market share*. O Brasil exportou apenas nas primeiras semanas de 2020 48,78% do que exportou em 2019, com a alta se estendendo durante o primeiro bimestre. Entretanto, a partir de março passou a sentir os efeitos da pandemia da Covid-19. Por sua vez, a participação da China nas exportações brasileiras sempre foi mais elevada, mantendo-se acima de 25%, com exceção de 2020, movimento contrário ao do *market share*.

GRÁFICO 8

Participação da China nas exportações brasileiras de couros e peles de bovinos e equídeos

(Em %)



Fonte: Agrostat, 2020.

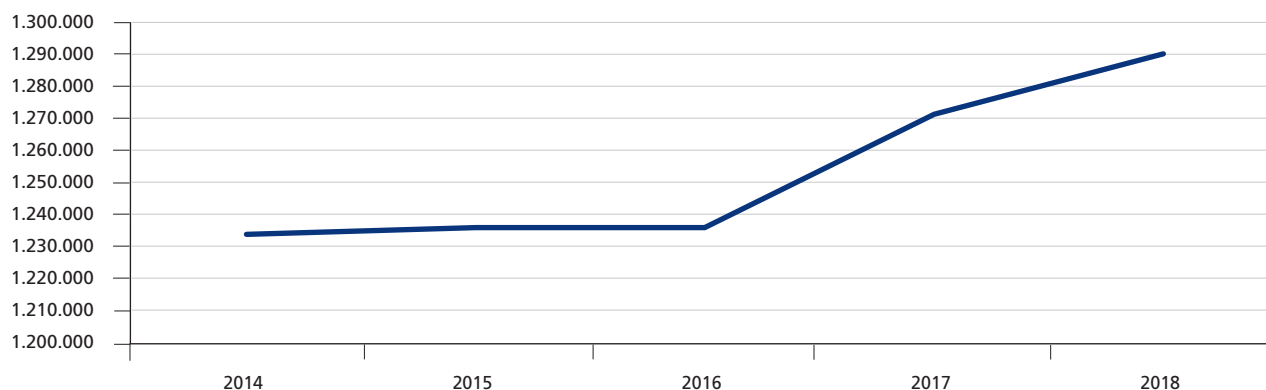
Elaboração da autora.

A China é a maior produtora de sapatos de couro do mundo, e sabe-se que a produção de couro bovino de um país está diretamente relacionada com os estoques vivos de gado e, conseqüentemente, com a sua produção de carne bovina. Como já visto, a produção de carne bovina chinesa é elevada principalmente se comparada ao seu consumo. O gráfico 9 mostra que desde 2016 a produção de couro vem aumentando na China.

GRÁFICO 9

Produção de couro bovino da China

(Em t)



Fonte: FAOSTAT, 2018.

Elaboração da autora.

Por sua vez, segundo os dados da GACC de 2020, a partir de 2016 o valor destinado às importações desse subsetor vem declinando, o que pode significar uma forte relação inversamente proporcional entre a produção e as importações. Apesar de ser um movimento considerado lógico, manter estoques e importação “altos”, mesmo com um aumento da produção, é usual nos subsetores analisados.

3.7 Óleo de soja

O subsetor óleo de soja¹¹ faz parte do setor complexo soja, junto com soja em grãos e farelo de soja. Mesmo que em termos de valor seja o sétimo maior subsetor do agronegócio exportado para a China, corresponde a apenas

11. Produtos de acordo com a NCM: 15079090; 15071000; 15079010; 15079011; 15079019.

2,41% das exportações do setor, ficando à frente somente do farelo. Entre os países com maior participação nas importações chinesas, encontram-se Argentina, Brasil, Estados Unidos e Rússia. Contrariamente à soja em grãos, nesse subsetor o *market share* do Brasil oscilou, principalmente em relação à Argentina, o qual disputou a liderança.

TABELA 12

Market share de valor dos principais países nas importações chinesas de óleo de soja

(Em %)

Países	2014	2015	2016	2017	2018	2019	2020
Argentina	42,4	62,7	0,1	0,3	14,1	39,0	16,0
Brasil	40,7	23,1	49,7	49,9	35,1	27,1	6,0
Rússia	0,1	4,0	14,0	20,1	33,3	20,2	46,0
Estados Unidos	16,7	0,1	19,6	13,1	0,2	0,0	0,0

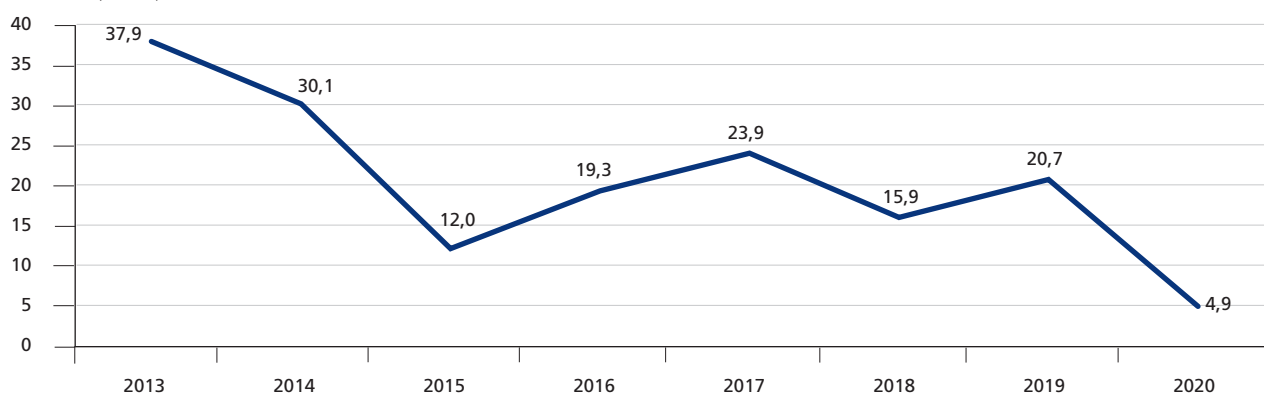
Fonte: Comtrade, 2018; e GACC, 2020.
Elaboração da autora.

Nos últimos três anos o *market share* do óleo de soja sofreu recuos, principalmente em 2020. Em 2018, o Brasil dedicou suas exportações a outros países, como indicou a redução da participação da China nas exportações brasileiras desse ano.

GRÁFICO 10

Participação da China nas exportações brasileiras de óleo de soja

(Em %)



Fonte: Agrostat, 2020.
Elaboração da autora.

Em 2019, de acordo com os dados da Agrostat de 2020, houve uma redução superior a 32% nas exportações brasileiras de óleo de soja, e grande parte do volume enviado foi destinada à China, ou seja, a perda do *market share* nas importações chinesas pode ter sido influenciada pela retração da produção do subsetor. No entanto, em 2020, tanto o *market share* brasileiro quanto a participação da China nas exportações do Brasil foram consideravelmente inferiores, isso porque as exportações brasileiras foram destinadas essencialmente a Índia (43,6%), Bangladesh (31,2%) e Venezuela (12,81%).

O óleo de soja é amplamente produzido na China se comparado ao consumo interno, inclusive é produzido também pelo esmagamento da soja importada, a parcela que não é destinada à ração animal. Só a produção corresponde a mais de 90% do consumo doméstico, com destaque para 2017, que correspondeu aproximadamente a 98%.

Com exceção do pico no referido ano, a participação da China manteve uma tendência ascendente. A partir de 2019, mesmo com a destinação de um volume maior de exportações para a China do que para outros países, a queda do *market share* pode ser justificada pela demanda muito elevada, por conta da PSA, dando espaço a outros países. Com isso, vale salientar a presença da Tailândia, que não exportava aves para a China desde a gripe aviária e a partir de 2018 retomou a exportação.

Na China, todavia, a produção de carne de frango superou o consumo doméstico em cinco dos oito anos verificados, entretanto, subtraindo-se as exportações, sua oferta não ultrapassa 98,2%, abastecendo o mercado consumidor chinês com importações.

TABELA 13

Oferta e demanda de óleo de soja na China

(Em 1 mil toneladas métricas)

Atributo	2013/2014	2014/2015	2015/2016	2016/2017	2017/2018	2018/2019	2019/2020	2020/2021
Estoques iniciais	1,14	1,096	0,912	0,657	0,67	0,568	0,501	0,458
Consumo doméstico	13,65	14,2	15,35	16,35	16,5	15,885	16,573	17,663
Produção	12,347	13,35	14,605	15,77	16,128	15,232	15,68	16,755
Exportação	0,094	0,107	0,096	0,118	0,211	0,197	0,15	0,15
Importação	1,353	0,773	0,586	0,711	0,481	0,783	1	1,2
Estoques finais	1,096	0,912	0,657	0,67	0,568	0,501	0,458	0,6

Fonte: USDA, 2020.
Elaboração da autora.

As importações desse produto, porém, são voláteis e tiveram sua maior participação em 2013, com aproximadamente 10% do consumo chinês, e nos demais anos não ultrapassou 6,7%; sua quantidade é influenciada pela quantidade de soja em grãos que é destinada à ração animal. Apesar de não ser tão expressiva, a participação dos estoques finais foi superior à das importações em três anos analisados.

3.8 Algodão e produtos têxteis de algodão

O subsetor¹² com o maior número de produtos é algodão e produtos têxteis de algodão, sendo o oitavo principal subsetor agropecuário exportado pelo Brasil para a China, correspondendo a 95% das exportações do setor de fibra e produtos têxteis. O *market share* brasileiro nas importações chinesas só ganhou um pequeno espaço a partir de 2019.

TABELA 14

Market share de valor dos principais países nas importações chinesas de algodão e produtos têxteis de algodão
(Em %)

Países	2014	2015	2016	2017	2018	2019	2020
Vietnã	9,8	13,7	19,8	22,0	21,0	24,4	22,2
Índia	21,2	17,8	12,9	11,8	12,5	10,2	9,8
Brasil	1,8	1,7	1,2	1,0	2,6	7,1	14,5
Austrália	6,9	3,5	3,5	4,1	6,5	6,2	2,1
Estados Unidos	8,9	8,4	6,0	9,1	8,5	6,1	9,5
China	10,6	10,8	0,0	8,6	6,9	5,5	3,6
Paquistão	10,5	11,1	9,7	8,2	7,2	3,3	6,4

Fonte: Comtrade, 2018; e GACC, 2020.
Elaboração da autora.

Em 2019, o Brasil foi beneficiado pela guerra comercial entre China e Estados Unidos também nesse subsetor, uma vez que, apesar da trégua, as taxas sobre o algodão se mantiveram, e o algodão brasileiro, segundo dados da Conab (2020), teve safra recorde em 2018/2019, ficando atrás apenas dos Estados Unidos no *ranking* de exportadores mundiais. Infelizmente os gargalos brasileiros, como logística e heterogeneidade da *commodity*, são muito imponentes. Mesmo assim, em 2020 as exportações seguem bem, ainda com exportações da safra anterior, como é possível notar por meio do *market share*. Portanto, uma participação entre 7% e 14,5% é uma “conquista”, visto que fornece essencialmente uma *commodity* de diversas importadas pela China.

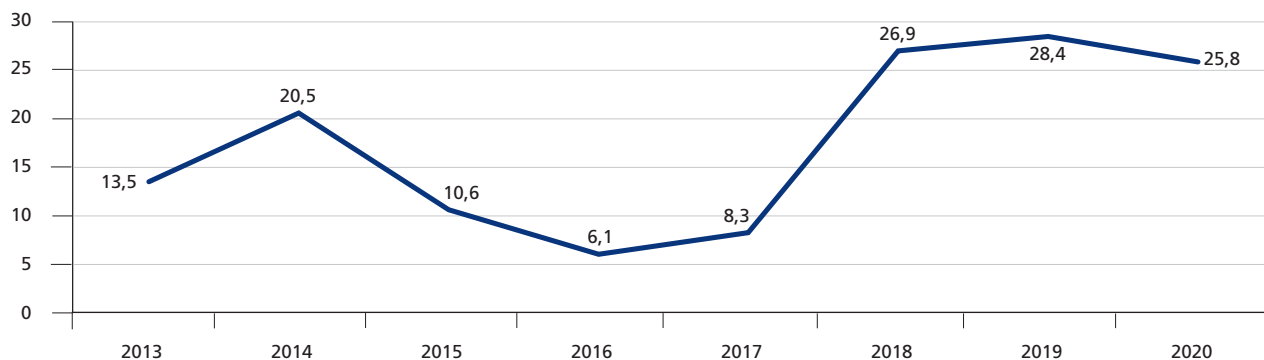
O Brasil tem como principal *commodity* desse subsetor o algodão não cardado nem penteado, mas a China, por sua vez, também importa muitos produtos manufaturados do algodão. Ou seja, mesmo com a participação da China nas exportações brasileiras nos últimos três anos sendo superior a 25%, o Brasil só exporta praticamente uma *commodity* do subsetor com mais *commodities* existentes nos setores do agronegócio.

12. Em função do grande número de produtos, para consulta é necessário verificar a Tabela de Agrupamentos do Mapa. Disponível em: <<http://indicadores.agricultura.gov.br/agrostat/index.htm>>.

GRÁFICO 11

Participação da China nas exportações brasileiras de algodão e produtos têxteis de algodão

(Em %)



Fonte: Agrostat, 2020.
Elaboração da autora.

A produção de algodão chinesa, contudo, é um pouco instável se comparada ao seu consumo, correspondendo a 59% em 2016 e 94% em 2013.

TABELA 15

Oferta e demanda de algodão na China

(Em 1 mil toneladas métricas)

Atributo	2013/2014	2014/2015	2015/2016	2016/2017	2017/2018	2018/2019	2019/2020	2020/2021
Estoques iniciais	50,361	62,707	66,42	56,698	45,919	37,993	35,67	36,899
Consumo doméstico	34,5	34,5	36	38,5	41	39,5	33	37,5
Produção	32,75	30	22	22,75	27,5	27,75	27,25	27,5
Exportação	0,026	0,071	0,128	0,061	0,136	0,213	0,157	0,125
Importação	14,122	8,284	4,406	5,032	5,71	9,64	7,136	9,5
Estoques finais	62,707	66,42	56,968	45,919	37,993	35,67	36,899	36,274

Fonte: USDA, 2020.
Elaboração da autora.

É possível notar que os seus estoques já eram elevados antes do período analisado, havendo um declínio dos estoques iniciais no período compreendido entre 2015 e 2019, tendo uma leve recuperação em 2020.

3.9 Fumo não manufaturado e desperdícios de fumo

Pode-se destacar também o subsetor fumo não manufaturado e desperdícios de fumo,¹³ o qual pertence ao setor de fumo e seus produtos, correspondendo a 99,9% das exportações para a China desse setor nos últimos dez anos. O *market share* do Brasil desse subsetor nas importações chinesas é o segundo mais relevante, ficando atrás de Zimbábue, que só no último ano seu *market share* correspondeu a 84,8%.

TABELA 16

Market share de valor dos principais países nas importações chinesas de fumo não manufaturado e desperdícios de fumo

(Em %)

Países	2014	2015	2016	2017	2018	2019	2020
Zimbábue	36,7	46,0	50,9	47,1	46,8	47,9	84,8
Brasil	27,7	22,0	15,1	21,9	22,1	42,0	0,0
Argentina	7,8	4,1	6,2	6,3	4,8	4,6	0,0
Zâmbia	8,6	6,1	5,1	5,0	4,7	1,9	10,3
Estados Unidos	14,2	15,2	15,8	13,8	15,1	0,0	0,0

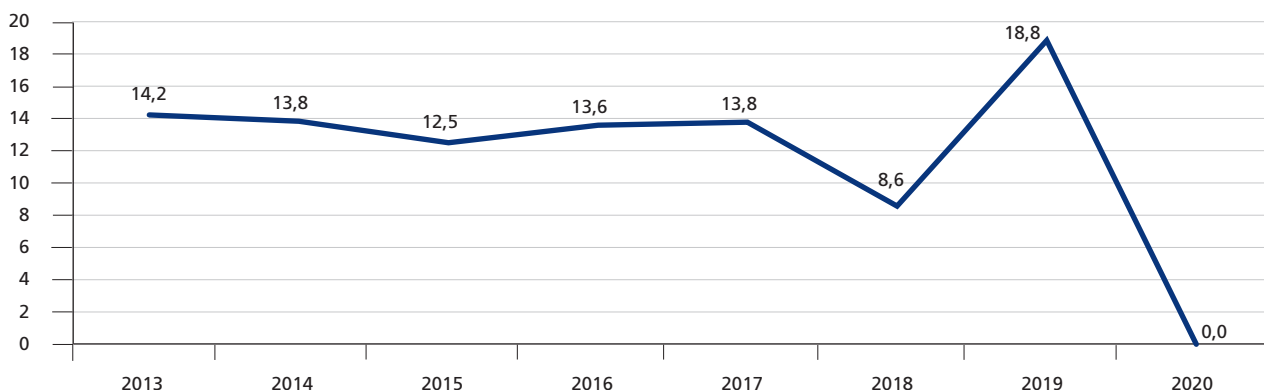
Fonte: Comtrade, 2018; e GACC, 2020.
Elaboração da autora.

Em 2019 foi registrada a maior participação brasileira nas importações chinesas, que foi influenciada, entre outros fatores, pela guerra comercial entre China e Estados Unidos, com o país norte-americano perdendo todo o seu *market share*. Em conformidade, a participação da China nas exportações brasileiras foi mais elevada em 2019.

GRÁFICO 12

Participação da China nas exportações brasileiras de fumo não manufaturado e desperdícios de fumo

(Em %)



Fonte: Agrostat, 2020.

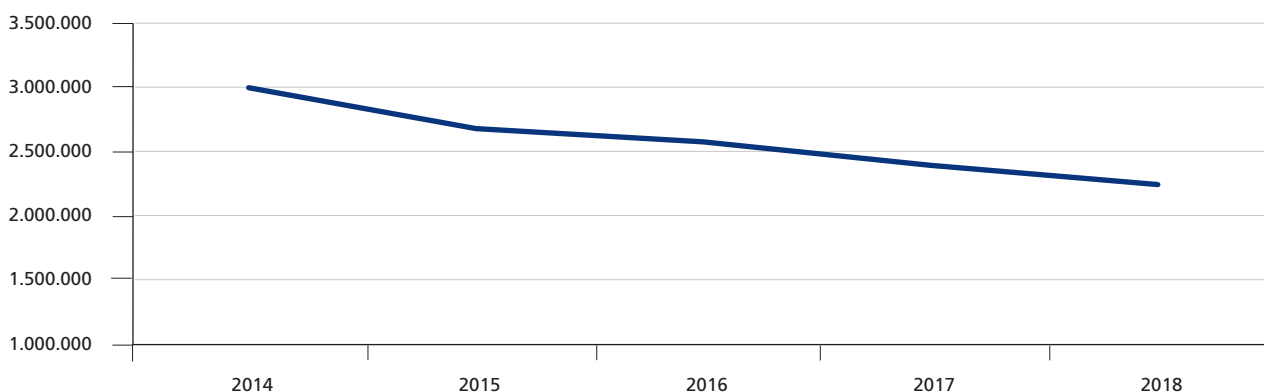
Elaboração da autora.

A China teve participação relativamente estável nas importações brasileiras até 2017. Em 2020, o Brasil perdeu o seu *market share* por conta do período de análise, dado que, por características do próprio cultivo, a maioria dos embarques ocorre no segundo semestre. Segundo o IBGE (2020), houve uma estiagem e quebra de parte da safra nos primeiros meses de 2020, fazendo com que a China interrompesse as compras por completo. Já a produção do país asiático teve um movimento descendente.

GRÁFICO 13

Produção de fumo não manufaturado da China

(Em t)



Fonte: FAOSTAT, 2018.

Elaboração da autora.

Apesar do declínio na produção, de acordo com os dados da GACC de 2020, nesse mesmo período as importações de fumo não manufaturado e desperdícios de fumo também reduziram, revelando uma relação diretamente proporcional.

3.10 Carne suína

O décimo principal subsetor¹⁴ do agronegócio exportado do Brasil para a China é o de carne suína, o qual corresponde a 10% das exportações do setor de carnes para este país. O *market share* do Brasil nas importações chinesas desse subsetor não apresenta tanta relevância, principalmente se comparado a outras carnes, mas vem aumentando ao longo do tempo, além de ter adquirido potencial para crescimento pela sua produtividade.

14. Produtos de acordo com a NCM: 2031100; 2031200; 2031900; 2032100; 2032200; 2032900; 16024100; 16024200; 16024900; 2063000; 2064100; 2064900; 2090011; 2090019; 2091011; 2091019; 2101100; 2101200; 2101900; 5040013.

TABELA 17

Market share de valor dos principais países nas importações chinesas de carne suína

(Em %)

Países	2014	2015	2016	2017	2018	2019	2020
Espanha	11,7	14,6	12,7	14,9	16,0	19,4	18,9
Alemanha	14,5	22,1	18,4	13,9	16,8	15,7	15,3
Estados Unidos	30,9	17,6	23,3	26,5	13,1	12,5	16,5
Dinamarca	15,3	14,2	11,8	9,3	9,6	10,4	10,3
Holanda	2,6	6,1	7,0	7,2	8,7	9,7	8,1
Brasil	0,1	0,2	3,3	2,6	8,8	9,0	9,2
Canadá	7,9	6,7	9,3	10,6	11,5	7,3	6,5

Fonte: Comtrade, 2018; e GACC, 2020.

Elaboração da autora.

De acordo com os dados da USDA de 2018, a produção de carne suína no Brasil (3,25%) é relativamente baixa em comparação com outros países, ficando atrás da China (47,94%), União Europeia (21,34%) e Estados Unidos (10,62%) em 2018. Em contrapartida, a sua taxa de crescimento foi superior à média mundial. Em complementaridade, a produção teve um acréscimo de 4% de 2018 para 2019 e previu um aumento de mais 4% para este ano.

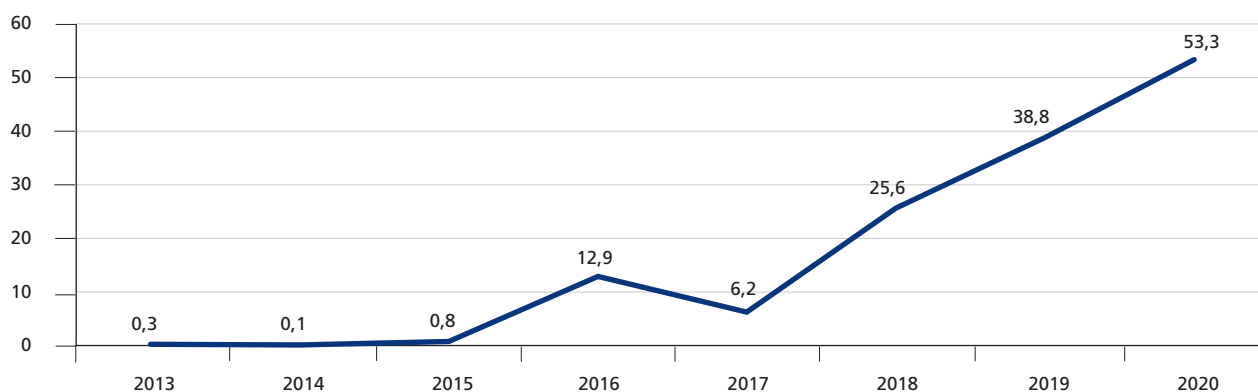
A problemática, entretanto, advém das questões regulatórias e sanitárias que não são bem consolidadas para esse subsetor, fazendo com que essa elevação seja por conta da PSA na China, mas outros países com maiores infraestruturas e organizações se manterão após o surto.

A participação da China nas exportações brasileiras mostra que a oferta de carne suína ainda é baixa. Com a elevação da demanda do subsetor por parte da China e o Brasil destinando quase 40% das suas exportações em 2019 e mais de 53% em 2020, o seu *market share* não chegou a 10%.

GRÁFICO 14

Participação da China nas exportações brasileiras de carne suína

(Em %)



Fonte: Agrostat, 2020.

Elaboração da autora.

Para elevar o *market share*, o Brasil teria que produzir muito mais e ampliar a resolução de questões sanitárias e regulatórias e/ou realocar ainda mais as suas exportações para a China. No entanto, como era de se esperar do maior consumidor e um dos maiores produtores de carne suína do mundo, a produção da China é bastante expressiva, com participação superior a 90% do consumo chinês em todos os anos pesquisados, com ênfase em 2013, quando chegou a 99%.

Com exceção do pico no referido ano, a participação da China manteve uma tendência ascendente. A partir de 2019, mesmo com a destinação de um volume maior de exportações para a China do que para outros países, a queda do *market share* pode ser justificada pela demanda muito elevada, por conta da PSA, dando espaço a outros países. Com isso, vale salientar a presença da Tailândia, que não exportava aves para a China desde a gripe aviária e a partir de 2018 retomou a exportação.

Na China, todavia, a produção de carne de frango superou o consumo doméstico em cinco dos oito anos verificados, entretanto, subtraindo-se as exportações, sua oferta não ultrapassa 98,2%, abastecendo o mercado consumidor chinês com importações.

TABELA 18

Oferta e demanda de carne suína na China

(Em 1 mil toneladas métricas/peso da carcaça equivalente)

Atributo	2013	2014	2015	2016	2017	2018	2019	2020
Estoques iniciais	0	0	0	0	0	0	0	0
Consumo doméstico	56,668	58,652	57,18	56,086	55,812	55,295	44,866	37,75
Produção	56,183	58,208	56,454	54,255	54,518	54,04	42,55	34
Exportação	0,243	0,276	0,229	0,19	0,207	0,202	0,135	0,1
Importação	0,728	0,72	0,955	2,021	1,501	1,457	2,451	3,85
Estoques finais	0	0	0	0	0	0	0	0

Fonte: USDA, 2020.
Elaboração da autora.

Em virtude da PSA que acometeu seu rebanho suíno, a produção dessa carne caiu nos últimos anos, sendo necessário um incremento na importação, que já vinha com uma tendência singela de aumento e, em 2020, chegou ao equivalente a 10% do consumo doméstico.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta *Nota Técnica* objetivou descrever o *market share* do Brasil e dos seus principais concorrentes no fornecimento de produtos com elevada relevância na sua pauta exportadora destinada à China. A motivação para esse recorte está na possibilidade de não somente identificar a posição do Brasil nos subsetores mais relevantes do agronegócio, mas também poder incorporar informações sobre a oferta e demanda chinesa para auxiliar na compreensão mais real e aprofundada dos dados apresentados.

Optou-se por um tipo de pesquisa mais descritiva e de abordagem quantitativa, porque o intuito foi apresentar a participação do país nas importações chinesas; entretanto, tem-se em mente que apenas o *market share* não é indicador suficiente de robustez, por isso incluiu-se o mercado interno chinês, para compreender se as importações são uma fração de demanda crescente da China dos subsetores selecionados.

Inicialmente, a partir da realização do cálculo das participações de cada país, foi possível notar que o Brasil possui o *market share* superior nos subsetores soja em grãos, celulose, carne bovina, carne de frango e açúcar. Entretanto, ao analisar essencialmente variáveis da China como produção, consumo doméstico e importação *ceteris paribus*, notou-se que somente nos subsetores soja em grãos e celulose as importações são uma fração crescente da demanda chinesa. As carnes bovina e de frango são produtos com alta produção doméstica, bastante similar ao consumo interno, mesmo que o consumo tenha apresentado uma elevação nos últimos dois anos puxando as importações decorrentes da PSA. Já o açúcar apresentou quantidades produzidas similares às consumidas, mas com tendência de queda; as importações tiveram uma singela elevação, mas a China possui grandes estoques acumulados em anos anteriores aos observados.

O Brasil possui parcela de destaque também em couros e peles de bovinos e equídeos, óleo de soja e fumo não manufaturado e desperdícios de fumo, dispondo da segunda maior participação. Relacionando esses subsetores com a oferta e demanda doméstica chinesa no primeiro subsetor, notou-se que a produção doméstica vem se elevando e as importações declinando de forma considerável, o que demonstra fragilidade ao subsetor. Já o óleo de soja apresenta produção similar ao consumo, mesmo que a sua produção seja feita em parte da soja em grãos já importada; por esse motivo, a importação de óleo de soja está relacionada com a porcentagem de soja destinada à alimentação animal. Por fim, o fumo não manufaturado apresentou uma redução tanto na produção quanto na importação.

Nos subsetores carne suína e algodão, o Brasil está entre as menores participações, em decorrência de aspectos como capacidade produtiva limitada, necessidade de regulamentações sanitárias e ínfima diversificação de *commodities* de um setor. Sob a ótica chinesa, a carne suína é altamente produzida; a menor participação da produção no consumo foi de 94%, e as importações, por sua vez, representam menos de 5% do consumo, com

exceção dos últimos anos por conta da PSA. O algodão apresenta certa volatilidade na produção, assim como no consumo, chamando mais atenção para os elevados estoques acumulados.

Vale destacar que, de acordo com os resultados obtidos, os Estados Unidos são o principal concorrente do Brasil, estando entre os fornecedores mais relevantes em oito dos dez subsetores: soja em grãos, óleo de soja, celulose, carne de frango, algodão e produtos têxteis de algodão, fumo não manufaturado e desperdícios de fumo, carne suína e couros e peles de bovinos e equídeos, sendo nos dois últimos o detentor do maior *market share*. A Argentina é o segundo maior concorrente, estando entre os principais adversários em cinco subsetores: soja em grãos, carne bovina, carne de frango, couros e peles de bovinos e equídeos e óleo de soja, em que possui o *market share* superior ao do Brasil.

A China possui muitas limitações de ordem natural, que suprimem a sua capacidade produtiva, por mais tecnológica que seja. Ao mesmo tempo, o país asiático é o mais populoso do mundo, sendo esperado que enfrentasse problemas para garantir a soberania alimentar da sua população. Com o desenvolvimento acelerado das suas zonas urbanas e a incorporação de renda dos trabalhadores, fez com que a demanda por alimentos fosse ainda mais crítica. Esse fato abriu oportunidade para o Brasil se tornar um dos seus principais fornecedores de produtos agropecuários; a manutenção e a ampliação dessa posição estratégica brasileira são muito importantes para a nossa balança comercial.

Os dados descritos neste artigo, portanto, podem contribuir para trabalhos futuros que desejem elaborar políticas públicas ou estratégias de manutenção do *market share* brasileiro nas importações chinesas dos supracitados subsetores, abrindo espaço para a incorporação de outras variáveis que possam contribuir para a compreensão dos resultados apresentados. Assim como podem servir de pontapé inicial para uma análise mais aprofundada desses e de outros subsetores exportados para a China ou demais parceiros comerciais brasileiros.

REFERÊNCIAS

ARGENTINA. Decreto nº 793/2018, de 4 de setembro de 2018. Disponível em: <<https://www.argentina.gob.ar/normativa/nacional/decreto-793-2018-314042/actualizacion>>. Acesso em: 10 jun. 2020.

BCR – BANCO CENTRAL DE RESERVA DE EL SALVADOR. **Exportaciones de El Salvador sumaron US\$ 5,943.3 millones a diciembre 2019**. 2020. Disponível em: <[https://www.bcr.gob.sv/esp/index.php?option=com_k2&view=item&id=1465:exportaciones-de-el-salvador-sumaron-us\\$59433-millones-a-diciembre-2019&Itemid=168](https://www.bcr.gob.sv/esp/index.php?option=com_k2&view=item&id=1465:exportaciones-de-el-salvador-sumaron-us$59433-millones-a-diciembre-2019&Itemid=168)>. Acesso em: 10 jun. 2020.

BELIK, W. Segurança alimentar e nutricional na China: aspectos históricos e atuais desafios. In: LIMA, M. C.; OLIVEIRA, E. M. (Org.). **Estrangeirização de terras e segurança alimentar e nutricional: Brasil e China em perspectiva**. Recife: FASA, p. 37-55, 2019.

BRASIL. Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. **Mais 13 frigoríficos brasileiros podem exportar carne bovina, suína e de aves para a China**. Mapa, 2019. Disponível em: <<https://www.gov.br/agricultura/pt-br/assuntos/noticias/mais-13-frigorificos-brasileiros-podem-exportar-carne-para-a-china>>. Acesso em: 10 jun. 2020.

_____. Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. **Agrostat – Estatísticas de Comércio Exterior do Agronegócio Brasileiro**. Mapa, 2020. Disponível em: <<http://indicadores.agricultura.gov.br/agrostat/index.htm>>.

COMTRADE – UNITED NATIONS INTERNATIONAL TRADE STATISTICS DATABASE. **UN Comtrade Database**. [s.d.]. Disponível em: <<https://comtrade.un.org/data/>>. Acesso em: 7 jun. 2020.

CONAB – COMPANHIA NACIONAL DE ABASTECIMENTO. **Grãos – Série Histórica**. 2020. Disponível em: <<https://portaldeinformacoes.conab.gov.br/safra-serie-historica-dashboard>>. Acesso em: 6 jun. 2020.

GACC – GENERAL ADMINISTRATION OF CUSTOMS PEOPLE’S REPUBLIC OF CHINA. **China Customs Statistics**. [s.d.]. Disponível em: <<http://english.customs.gov.cn/Statistics/Statistics?ColumnId=6>>. Acesso em: 5 jun. 2020.

MORTATTIL, C. M. *et al.* Determinantes do comércio Brasil-China de commodities e produtos industriais: uma aplicação VECM. **Economia aplicada**, v. 15, n. 2, 2011. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1413-80502011000200007>>. Acesso em: 3 jul. 2020.

NAKATANI, P. *et al.* A expansão internacional da China através da compra de terras no Brasil e no mundo. **Textos e Contextos**, v. 13, n.1, p. 58-73, 2014. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fass/article/download/15489/11754>>. Acesso em: 4 jul. 2019.

NONNENBERG, M. J. B. China: estabilidade e crescimento econômico. **Brazilian Journal of Political Economy**, v. 30, n. 2, 2010. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0101-31572010000200002>>. Acesso em: 4 jul. 2020.

SANTI, T. Em busca da reinvenção. **Revista O Papel**. 2015. Disponível em: <http://www.revistaopapel.org.br/noticia-an-exos/1443550496_037f5169e5525b72f17940432768ecbe_459294532.pdf>. Acesso em: 10 jun. 2020.

SANTOS, D. T. dos; BATALHA, M. O.; PINHO, M. A evolução do consumo de alimentos na China e seus efeitos sobre as exportações agrícolas brasileiras. **Revista de Economia Contemporânea**, v. 16, n. 2, p. 333-358, 2012. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1415-98482012000200008>>. Acesso em: 5 jul. 2020.

SUKUP, V. A China frente à globalização: desafios e oportunidades. **Revista Brasileira de Política Internacional**, v. 45, n. 2, 2002. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0034-73292002000200005>>. Acesso em: 3 jul. 2020.

USDA – UNITED STATES DEPARTMENT OF AGRICULTURE. **Production, supply and distribution**. [s.d.]. Disponível em: <<https://apps.fas.usda.gov/Psdonline/app/index.html#/app/home/statsByCountry>>. Acesso em: 9 jun. 2020.

USTR – UNITED STATES TRADE REPRESENTATIVE. **Economic and trade agreement between the United States of America and the People’s Republic of China**. 2020. Disponível em: <https://ustr.gov/sites/default/files/agreements/phase%20one%20agreement/Economic_And_Trade_Agreement_Between_The_United_States_And_China_Text.pdf>. Acesso em: 5 jun. 2016.

VILLELA, E. V. M. **As relações comerciais entre Brasil e China e as possibilidades de crescimento e diversificação das exportações de produtos brasileiros**. [s.d.]. Disponível em: <<https://docplayer.com.br/35928-1-brasil-e-china-muitas-coisas-em-comum.html>>. Acesso em: 4 jul. 2019.

WILKINSON, J.; ESCHER, F. A economia política do complexo soja-carne Brasil-China. **Revista de Economia e Sociologia Rural**, v. 57, n. 4, 2019. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1806-9479.2019.191017>>. Acesso em: 5 jul. 2020.

Ipea – Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada

Assessoria de Imprensa e Comunicação

EDITORIAL

Coordenação

Reginaldo da Silva Domingos

Supervisão

Carlos Henrique Santos Vianna

Revisão

Bruna Oliveira Ranquine da Rocha

Carlos Eduardo Gonçalves de Melo

Elaine Oliveira Couto

Lis Silva Hall

Mariana Silva de Lima

Marlon Magno Abreu de Carvalho

Vivian Barros Volotão Santos

Laysa Martins Barbosa Lima (estagiária)

Editoração

Aline Cristine Torres da Silva Martins

Mayana Mendes de Mattos

Capa

Danielle de Oliveira Ayres

Flaviane Dias de Sant'ana

*The manuscripts in languages other than Portuguese
published herein have not been proofread.*

Livraria Ipea

SBS – Quadra 1 – Bloco J – Ed. BNDES, Térreo

70076-900 – Brasília – DF

Tel.: (61) 2026-5336

Correio eletrônico: livraria@ipea.gov.br

Missão do Ipea

Aprimorar as políticas públicas essenciais ao desenvolvimento brasileiro por meio da produção e disseminação de conhecimentos e da assessoria ao Estado nas suas decisões estratégicas.

ipea Instituto de Pesquisa
Econômica Aplicada

MINISTÉRIO DA
ECONOMIA



PÁTRIA AMADA
BRASIL
GOVERNO FEDERAL